

SÍNDROME DE BURNOUT E OS PROFISSIONAIS DA SAÚDE E EDUCAÇÃO

2019

Flávio Aparecido de Almeida

Graduado em Psicologia pela UNIFAMINAS.

Graduado em História pela UEMG.

Graduado em Pedagogia pela FINOM.

Especialista em Psicopedagogia Clínica e Institucional pela UCAM.

Especialista em Neuropsicologia pela UCAM.

Especialista em Neuropsicopedagogia pela UCAM.

Especialista em Gestão de Saúde Mental pela UCAM.

Especialista em Psicologia Social pela INTERVALE.

Especialista em Ética e Filosofia Política pela INTERVALE.

.Especialista em Educação Inclusiva, Especial e Políticas de Inclusão pela UCAM.

Professor no curso de Psicologia na UNIFACIG.

.Mestrando em Ciências das Religiões pela FUV (Brasil)

Email:

flavio.a.almeida@hotmail.com

RESUMO

A partir da década de 70 começou-se a se pesquisar a síndrome de Burnout, e esta é entendida como um processo psicológico que provoca no indivíduo excessivo desânimo, reduzindo assim, a sua motivação para a realização de tarefas relacionadas ao seu trabalho e é composta por três dimensões: Exaustão emocional, Despersonalização e Baixa Realização Profissional. Não existe um único conceito capaz de abarcar todas as características da síndrome de Burnout, assim o presente trabalho, utilizando a revisão bibliográfica como metodologia, apresenta os diferentes tipos de conceitos. E por fim, discorre-se sobre a relação entre a síndrome de Burnout e os profissionais que são mais acometidos, os de saúde e educação, e sobre os principais estressores ocupacionais que podem causar esta síndrome.

Palavras-chave: *Burnout*, profissionais de saúde, educação, trabalho.

Copyright © 2019.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata da síndrome de Burnout destacando sua predominância nos profissionais da saúde e educação, a partir de uma abordagem sócio psicológica. Abordando-se a sintomatologia desta patologia, assim como o tipo de ambiente que propicia seu surgimento, e os meios utilizados no tratamento.

Com objetivo de esclarecer sobre esta síndrome pouco conhecida em nosso meio e a problemática que a mesma pode oferecer não só a instituição em que o profissional trabalha bem como aos pacientes por ele atendidos. Discorreremos também sobre os três componentes fundamentais para se diagnosticar a síndrome de burnout que são a exaustão profissional, a despersonalização e a falta de envolvimento pessoal no trabalho e realização pessoal.

A escolha do tema se deu pelo interesse em estudar a síndrome de Burnout, já que, como futuros psicólogos, estaremos dentro do grupo dos profissionais cuidadores, especialmente vulneráveis a desenvolvê-la.

A metodologia utilizada neste trabalho sucedeu-se a partir de revisões bibliográficas, bem como a leitura de artigos da internet que foram essenciais para a sua construção.

1. O QUE É BURNOUT?

Segundo Codo e Vasques-Menezes (1999), historicamente possui-se certa dificuldade em observar e como consequência diagnosticar síndromes e sintomas psicológicos. No senso comum, muitas manifestações que são oriundas da psique são meramente classificadas com julgamentos de valores, como: o preguiçoso, quando se refere à falta de motivação para o trabalho; o sem vergonha, para classificar o alcoolismo.

De acordo com Codo e Vasques-Menezes (1999), somente na década de 70 que pesquisadores começaram a desenvolver um modelo teórico para identificar e mensurar o que

chamamos de desânimo, apatia e despersonalização. "(...) uma síndrome que afeta principalmente os trabalhadores encarregados de cuidar".

A síndrome de burnout trata – se de um estresse ocupacional que ocasiona fadiga, perda de motivação para o trabalho e diminuição das energias na execução das tarefas e era usado para expressar um cansaço emocional gradual. É um processo gradual que pode levar anos e até décadas para evoluir (CASTRO, 2010).

A síndrome de Burnout passa a ser entendida como um processo psicológico que provoca no indivíduo excessivo desânimo, reduzindo assim, a sua motivação para a realização de tarefas relacionadas ao seu trabalho.

"A Síndrome de Burnout é definida por Maslach e Jackson (1981) como uma reação à tensão emocional crônica gerada a partir do contato direto e excessivo com outros seres humanos, particularmente quando estes estão preocupados ou com problemas. Cuidar exige tensão emocional constante, atenção perene; grandes responsabilidades espreitam o profissional a cada gesto no trabalho." (CODO; VASQUES-MENEZES, 1999).

Para compreendermos a síndrome de Burnout faz-se necessário partir de três componentes fundamentais, sendo eles essenciais para que a síndrome seja entendida, conforme Codo e Vasques-Menezes (1999); Santini (2007) e Castro (2010).

1 - A exaustão emocional - o trabalhador não consegue mais afetivamente se doar aquele tipo de serviço, demonstrando não ter mais competência emotiva para lidar com as situações conflitantes provindas de sua função, possui falta de energia e um sentimento de esgotamento de recursos, causado pela sobrecarga de trabalho e conflito pessoal nas relações, o sujeito se sente totalmente esgotado a ponto de pensar que não conseguirá se recuperar.

2 - Despersonalização- o profissional começa a desenvolver sentimentos negativos a cerca dos usuários daquele serviço e como consequência começa a emitir comentários pejorativos a cerca dos mesmos, enrijecendo o seu tratamento para com os usuários do serviço, tendo atitudes e condutas de cinismo e sentimentos negativos das pessoas com quem trabalha. O sujeito se isola, agindo no ambiente de trabalho com frieza e indiferença.

3 - Falta de envolvimento pessoal no trabalho e realização pessoal - o sentimento provindo desse servidor começa a prejudicá-lo na execução e organização de suas tarefas, provocando um atendimento desqualificado para com os usuários. O indivíduo também se sente inútil, insignificante, pensa que seu trabalho não é importante, sente-se incapaz de realizar qualquer tarefa com eficiência

2. CONCEITUALIZANDO BURNOUT

De acordo com Codo e Vasques-Menezes (1999), não existe uma única definição capaz de abarcar de forma eficaz a síndrome de burnout, mas é necessário analisar os diferentes aspectos emocionais pertinentes ao comportamento desse trabalhador, sendo assim, existe um consenso no que se refere à síndrome, a mesma está relacionada ao stress laboral crônico, pois há uma rejeição emocional a cerca dos usuários daquele serviço prestado, afetando assim as suas atividades profissionais.

A síndrome de burnout não pode ser confundida com o stress, pois o conceito de stress se diferencia ao abarcar atitudes de esgotamento pessoal que compromete a vida do indivíduo e não necessariamente a sua atividade laboral.

"Freudenberger, a partir de uma perspectiva clínica, considera que Burnout representa um estado de exaustão resultante de trabalhar exaustivamente, deixando de lado até suas necessidades." (CODO; VASQUES-MENEZES, 1999).

A partir de uma abordagem sócio-psicológica da síndrome, Malasch e Jackson analisados por Codo e Vasques-Menezes (1999), observam que a referida é uma reação as tensões que o profissional vivencia no seu cotidiano, os mesmos possuem um contato direto com seus usuários/clientes fazendo com que o trabalhador se envolva emocionalmente com os referidos, sendo assim, muitos desistem de atuarem em suas áreas de formação, os profissionais mais afetados com esta síndrome são os da educação e saúde.

Numa perspectiva organizacional apresentada por Cherniss, citado por Codo e Vasques-Menezes (1999), a síndrome de burnout é entendida como consequência de um trabalho que exige excessivamente um envolvimento emocional do trabalhador, fazendo de sua atividade algo estressante, monótono e frustrante. O mesmo diferencia burnout e alienação, da seguinte maneira:

"A alienação diminui a liberdade do sujeito para levar a cabo a sua tarefa; no caso de Burnout, a situação se inverte um pouco. o sujeito tem liberdade para agir mas sobre uma tarefa impossível de realizar." (CODO; VASQUES-MENEZES, 1999).

Em uma perspectiva sócio-histórica, Sarason analisado por Codo e Vasques-Menezes (1999), afirma que "(...) é difícil manter o comprometimento no trabalho de servir os demais" sendo

assim, os usuários nem sempre se comprometem em ajudar os profissionais dificultando o trabalho e aumentando assim, uma insatisfação e o sentimento de não conseguir realizar o que lhe é de sua função.

Segundo Codo e Vasques-Menezes (1999), o desgaste do vínculo afetivo leva é a exaustão emocional, que gera nos trabalhadores essa sensação de cansaço crônico, não conseguindo recuperar as suas energias mesmo depois de desfrutar de suas férias.

Segundo Freudenberger et. al. (apud CASTRO, 2010), uma sobrecarga e frustração no trabalho podem fazer com que o indivíduo perca o entusiasmo, dando lugar à irritabilidade e mau humor constante, provocando um quadro de exaustão emocional, que causava, além desses sintomas, dificuldades para dormir, sinais depressivos e perda do controle emocional.

Para os autores, o Burnout é “uma síndrome psicológica decorrente da tensão emocional crônica vivida pelos profissionais cujo trabalho envolve o relacionamento intenso e frequente com pessoas que necessitam de cuidado e/ou assistência” (CASTRO,2010, pg. 14).

3. BURNOUT E OS PROFISSIONAIS DA EDUCAÇÃO E SAÚDE

Conforme Ferrari, França e Magalhães (2012, p. 1152) a síndrome de Burnout é causada por alto nível de estresse e cansaço físico e psicológico. Pessoas com alto nível de ansiedade estão mais propensas a desenvolver o burnout.

De acordo com Trigo, Teng & Hallack citado por Silva, Loureiro e Peres (2008), uma das áreas de profissionais mais propensas a desenvolverem a síndrome de burnout é a da saúde e da educação.

Segundo Ferrari, França e Magalhães (2012, p. 1153) a demanda é grande nos serviços de atenção à saúde, e os profissionais na busca pelo trabalho ético e técnico, acabam se expondo a níveis altos de estresse do dia a dia, podendo ocasionar a síndrome de burnout.

Borges, Argolo e Pereira (2002, p.193) relata que, a síndrome possui três dimensões, ou seja, três causas principais para sua ocorrência. São elas: exaustão emocional; despersonalização e baixa realização pessoal. A exaustão é causada pelo alto nível de estresse acometido nos profissionais da saúde pelo cansaço físico e psicológico da profissão, que ocasiona no indivíduo falta de energia para o trabalho. A despersonalização se refere a atitudes negativas, falta de sensibilidade e falta de preocupação com os outros, o profissional passa a lidar com as pessoas como se fossem objetos, a pessoa passa a ter uma insensibilidade emocional. E por último a baixa realização pessoal, que é quando o indivíduo faz uma avaliação negando seu trabalho.

Souza e Silva (2002, p. 45) dizem que, conforme estudos realizados a síndrome de Burnout acomete mais os profissionais nos primeiros anos de profissão. Isso porque se sentem mais inseguros, alimentam grandes expectativas de carreira profissional, ou seja, eles se encontram em uma vulnerabilidade maior do que os trabalhadores com mais tempo de profissão, que sabem lidar melhor com as situações de estresse no trabalho.

Ferrari, França e Magalhães (2012), destacam algumas causas que ocasionam a síndrome de Burnout:

“A equipe se depara com diversas situações, aliadas à necessidade de saber lidar, de forma eficiente e eficaz, com as necessidades do usuário. As principais causas para ocorrência de burnout em profissionais da saúde são: o contato contínuo com o sofrimento; a dor e a morte; a diminuição do valor social do profissional pela sua família; a sobrecarga de trabalho; a carência de recursos para desempenhar o papel adequadamente; a diminuição nos diversos tipos de recompensa e estímulos em sua atividade; a inquietação e a ameaça de sofrer críticas por mau desempenho de sua prática laboral e encarar problemas éticos resultantes do avanço tecnológico (FERRARI, FRANÇA E MAGALHÃES, 2012, p. 1153).”

Segundo Benevides - Pereira analisado por Silva, Loureiro, Peres (2008), o burnout compromete as relações interpessoais no trabalho e conseqüentemente ocorre um comprometimento laboral que conduz a um significativo prejuízo da prestação de serviços.

Em muitos casos o trabalhador pede um afastamento por queixar-se de sintomas físicos, do tipo: “dores de cabeça, insônia, úlcera, tensão muscular, fadiga crônica, cefaleias, problemas cardiovasculares, ansiedade e depressão”. E em alguns casos o trabalhador acometido pelo burnout pode vir a desenvolver transtornos psiquiátricos. Desta forma Batista deixa claro que é de suma importância o diagnóstico certo da doença, para não haver prejuízos à qualidade e eficácia do tratamento (BATISTA, 2011, p. 430 a 431).

Para Silva, Loureiro e Peres (2008), é importante ressaltar também que os profissionais da área da saúde, buscam o reconhecimento de seu trabalho, bem como uma melhor remuneração. A falta de valorização gera um sentimento de inutilidade e desmotivação favorecendo a falta de qualificação e de finalidade laboral. A atuação do profissional de saúde em um ambiente autoritário, arbitrário, onde não existe diálogo e compartilhamento de opiniões bem como excesso de feedback negativo, ocasionam o estresse organizacional, acarretando baixa produtividade e qualidade, insatisfação do profissional e da própria instituição.

A identidade profissional dos mesmos pode ser prejudicada e, como conseqüência, afetar o envolvimento com o trabalho. Cria-se, assim, uma condição propícia ao surgimento de atitudes

negativas para com os pacientes, os colegas de trabalho e a instituição hospitalar, o que, por sua vez, caracteriza a ocorrência de burnout em seus aspectos principais.

Assim, torna-se fundamental uma atenção ao burnout em profissionais de saúde, devido aos inúmeros agentes estressores na referida área.

“As ocorrências da síndrome de burnout em profissionais da saúde decorrem pelas características inerentes a profissão – como convívio intenso com pacientes, intensidade das interações emocionais e carência de tempo livre para lazer ou férias – quanto às mudanças pelas quais a prática médica vem passando nos últimos 20 anos que incluem progressivo declínio da autonomia profissional, diminuição do status social da profissão e aumento das pressões sofridas por estes profissionais. Globalmente, a estafa profissional afeta um em cada dois médicos, sendo um terço deles afetado de forma importante e um décimo de forma severa, com características irreversíveis. Cerca de 40% a 50% dos médicos que trabalham com medicina de emergência e intensivistas são acometidos por sintomas relativos a estresse.” (Revista do Departamento de Psicologia – UFF, vol.19 nº2, Niterói, Julho/Dezembro 2007 apud silva, Loureiro, Peres, 2008).

O professor é outro tipo de trabalhador que experiência com frequência este esgotamento, que o faz na prática reduzir a sua realização pessoal no trabalho, fazendo com que ele se avalie de forma negativa e se perceba como alguém incapaz, principalmente quando examina a sua relação para com os alunos. O desânimo passa a fazer parte de sua vida e o sentimento de insatisfação e irritação passa a ser uma constante e o professor chega à seguinte conclusão:

"(...) ultimamente, tenho sentido um certo desânimo em relação à vinda ao colégio. Acho que isso deve-se ao fato de não sentir uma correspondência por partes dos alunos e da escola, de modo em geral. Às vezes, sinto que gostaria de ter mais tempo livre, incluindo este que dedico à escola, para me dedicar a outras coisas (...)" (CODO; VASQUES-MENEZES, 1999).

O professor passa então a ter uma relação e um sentimento negativo para com esses alunos, usando de termos pejorativos e culpando-os pelo seu insucesso na arte de ensinar. O aluno começa a ser entendido como um mero objeto, perdendo para o professor a sua subjetividade. Constantemente os professores afirmam: “(...) os alunos chegam à escola com um comportamento que não envolve limites” (CODO; VASQUES-MENEZES, 1999).

O docente perde a sua capacidade de uma relação empática com seus discentes e começa a ter um contato meramente mecânico dificultando o processo de ensino e aprendizagem que como

é sabido de todos perpassa pelo afeto. O mesmo começa a sofrer de "(...) ansiedade, melancolia, baixa autoestima, exaustão física e mental" (CODO; VASQUES-MENEZES, 1999).

Autores discutem acerca de algumas características provindas do próprio ambiente de trabalho e salientam que a indisciplina nas salas de aula também agrava a situação desses trabalhadores e existem outros fatores causadores do burnout, como:

"Violência, falta de segurança, uma administração insensível aos problemas do professor, burocracia que entrava o processo de trabalho, pais omissos, transferências involuntárias, críticas da opinião pública, classes superlotadas, falta de autonomia, salários inadequados, falta de perspectivas de ascensão na carreira, isolamento em relação a outros adultos ou falta de uma rede social de apoio (...)" (CODO; VASQUES-MENEZES, 1999).

Em suma, cresce o número de professores descontentes, com o sentimento de inferioridade e incapacidade cada vez mais suscitado, acreditando que a sua função não faz tanta diferença e que o seu papel de transmissor de conhecimento não tem tanta importância num mundo onde as relações estão extremamente fragilizadas.

Segundo Gil-Monte(2008) analisado por Dias, Queiros e Carlotto (2010) a síndrome de burnout não é uma exclusividade dos ambientes de trabalho de primeiro mundo. Esta síndrome é uma patologia geográfica, podendo ser encontrada em diversos contextos culturais e diferentes países, sendo referida pelo autor acima como uma ocorrência transcultural.

3.1. OS ESTRESSORES OCUPACIONAIS

A síndrome de Burnout incide nos profissionais de ajuda, que são responsáveis ou prestam assistência pelo desenvolvimento ou cuidados de outros (ROSA, CARLOTTO, 2005).

Segundo Rodriguez –Marín analisado por Rosa e Carlotto (2005), uma das causas de Burnout nos profissionais deve-se ao tempo de trabalho que é utilizado em contato intenso com outras pessoas, pacientes e familiares, e esta relação interpessoal é acompanhada de sentimentos de tensão, medo, ansiedade e a hostilidade encoberta, podendo trazer ineficácia profissional e insatisfação com o trabalho desenvolvido.

Os estressores ocupacionais podem levar à síndrome de Burnout quando são persistentes. Para França e Rodrigues citado por Rosa e Carlotto (2005), as situações de estresse crônica em função das relações intensas de trabalho com outras pessoas podem levar a uma resposta emocional.

Segundo Borges (2005), os profissionais têm contato com diferentes tipos de estressores como, a sobrecarga de trabalho, pressão no trabalho, falta de reconhecimento e de suporte social entre outros.

O profissional para ter realização precisa ter satisfação com a supervisão, com suas atribuições, com sua chefia e com os benefícios e políticas da organização, é importante para realização profissional e podem ser fatores de proteção ao Burnout, pode funcionar como mecanismo para restaurar as perdas psicológicas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através do estudo bibliográfico da síndrome de Burnout puderam-se perceber as dificuldades existentes na produção de um diagnóstico provindo dos profissionais de saúde, pois por muitos pacientes que sofrem deste mal imaginam estarem passando por um período de estresse e cansaço. Por não se ter um exame fisiológico capaz de assegurar um diagnóstico preciso ao paciente, muitos tratam como se fosse uma fadiga comum.

Percebe-se que a síndrome de Burnout atinge principalmente os profissionais de educação e saúde, pois os mesmos no seu ato laboral possuem um contato afetivo e estressor direto com o paciente/usuário. Muitos desses profissionais por não possuírem um diagnóstico preciso e eficaz não conseguem tratar seus sintomas e como consequência abandonam suas atividades profissionais demonstrando estarem insatisfeitos com a profissão na qual estão atuando.

A síndrome de Burnout é caracterizada pela exaustão emocional, despersonalização e baixa realização profissional, sendo que essas três dimensões são imprescindíveis na compreensão do diagnóstico e intervenção da síndrome.

Na atualidade encontramos com frequência inúmeros profissionais que sofrem dessa patologia e comprometem a sua vida profissional, afetiva e social. O desânimo crônico torna-se um contínuo sintoma daqueles que possuem a síndrome de burnout não tendo assim estímulos subjetivos que os motivem na realização de atividades relacionadas ao seu trabalho. A visão que o paciente que sofre deste mal dos seus usuários/pacientes é desprovida de sensibilidade e vínculo afetivo, muitas vezes utilizam até mesmo de termos pejorativos para classificar e rotular os usuários daquele serviço, pois o profissional inicia o processo de despersonalização institucional que o leva a identificar o usuário como alguém ruim, perverso e sem valores morais e éticos.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BATISTA, Jaqueline Brito Vidal; CARLOTTO, Mary Sandra; COUTINHO, Antônio Souto; AUGUSTO, Lia Giraldo da Silva. **Síndrome de Burnout**: Confronto entre o conhecimento médico e a realidade das fichas médicas. *Psicologia em Estudo*, Maringá, v. 16, n. 3, p. 429-435, jul./set. 2011. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/pe/v16n3/v16n3a10.pdf>. Acesso em: 01 de Maio de 2013.

BORGES, Livia de Oliveira (org). **Os profissionais de saúde e seu trabalho**. São Paulo: casa do psicólogo, 2005. Disponível em: < <http://books.google.com.br/books?id=nHyP5C-fUXUC&pg=PA225&dq=O+QUE+%C3%89+BURNOUT&hl=ptBR&sa=X&ei=gSOZUaDdI8Th4APS4YH4Cw&ved=0CDkQ6AEwAjgU#v=onepage&q=O%20QUE%20%C3%89%20BURNOUT&f=false> acesso em: 14 de maio de 2013.

BORGES, Livia Oliveira; ARGOLO, João Carlos Tenório; PEREIRA, Ana Lígia de Souza; MACHADO, Emília Alice Pereira; SILVA, Waldylécio Souza da. **A Síndrome de Burnout e os Valores Organizacionais**: Um Estudo Comparativo em Hospitais Universitários. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 15(1), p. 189/200, 2002. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/%0D/prc/v15n1/a20v15n1.pdf>. Acesso em: 01 de Maio de 2013.

CASTRO, José Gastal de. **Burnout, projeto de ser e paradoxo organizacional**. Tese de doutorado. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, Santa Catarina, 2010. Disponível em: <<http://www.cfh.ufsc.br/~ppgp/Fernando%20Jose%20Gastal%20de%20Castro.pdf> Acesso em: 11 de Maio de 2013.

CODO, Wanderley; VASQUES-MENEZES, Iône. **O que é burnout?** In: CODO, Wanderley (org.). *Educação: carinho e trabalho*. 3 ed. Petrópolis: Vozes, 1999. Disponível em: <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/jornaldoprofessor/midias/arq/Burnout.pdf>> Acesso em 27 de abril de 2013.

DIAS, Sofia; QUEIROS, Cristina; CARLOTTO, Mary Sandra. **Síndrome de burnout e fatores associados em profissionais da área da saúde: um estudo comparativo entre Brasil e**

Portugal. Aletheia, Canoas, n. 32, ago. 2010 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141303942010000200002&lng=pt&nrm=iso>. Acesso em: 22 maio 2013.

FERRARI, Rogério; FRANÇA, Flávia Maria de; MAGALHÃES, Josiane. Avaliação da Síndrome de Burnout em profissionais da saúde. **Revista Eletrônica Gestão & Saúde**, • Vol. 03, n. 03, p. 1150/1165, 2012. Disponível em: <http://gestaoesaude.unb.br/index.php/gestaoesaude/article/view/185>. Acesso em: 01 de Maio de 2013.

ROSA, Cristiane da; CARLOTTO, Mary Sandra. **Síndrome de Burnout e satisfação no trabalho em profissionais de uma instituição hospitalar**. Rer. SBPH, Rio de Janeiro, v.8, n.2, p. 1/15, 2005. Disponível em: http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1516-08582005000200002&script=sci_arttext. Acesso em: 04 de Maio de 2013.

SANTINI, Joarez. **Síndrome do esgotamento profissional Revisão Bibliográfica**. Movimento (ESEF/UFRGS), Porto Alegre ,v. 10,n.1 dez. 2007. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/Movimento/article/view/2832>>. Acesso em: 19 Mai. 2013.

SILVA, Daniele Carolina Marques da; LOUREIRO, Marina de Figueiredo; PERES, Rodrigo Sanches. Burnout em profissionais de enfermagem no contexto hospitalar. *Psicol. hosp. (São Paulo)*, São Paulo,v. 6, n. 1, 2008. Disponível em<http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1677-74092008000100004&lng=pt&nrm=iso>. acesso em 27 abril 2013.

SOUZA, Vilma Costa; SILVA, Angela Maria Monteiro Da. A influência de fatores de personalidade e de organização do trabalho no burnout em profissionais da saúde. *Rev. Estudos de Psicologia*. PUC- Campinas, v.19, n.1, p. 37-48, Janeiro/abril 2002. Disponível em:http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0103166X2002000100004&script=sci_abstract&tlng=pt. Acesso em: 01 de Maio de 2013.